

A ÉTICA DO CUIDADO EM WINNICOTT ENQUANTO PRÁTICA NA FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA

THE ETHICS OF CARE IN WINNICOTT AS A PRACTICE IN UNIVERSITY TRAINING

Laureano da Cruz Fazolo
Wendell Peixoto Rodrigues¹
Maria Angélica Napolitano²

RESUMO

Através desse estudo objetivou-se levantar conhecimentos para se desenvolver possíveis práticas a partir do conceito gerado de forma empírica pelos estudos de Donald Woods Winnicott sobre a ética do cuidado. Aqui, buscamos salientar sua importância, voltando seu foco principal para as relações nas quais encontramos os estudantes universitários. Para esse fim, falaremos inicialmente sobre o conceito de ética do cuidado, considerando a visão geral do assunto e em seguida a perspectiva Winnicottiana. Outro passo importante será a identificação de alguns fatores que podem influenciar a saúde mental dos universitários, analisando o ambiente universitário em questão. Por fim, iremos traçar algumas hipóteses de como podem ser desenvolvidas algumas práticas que venham a contribuir com o aflorar da ética do cuidado no ambiente universitário. Para tanto, foi utilizado como método a coleta de dados através de pesquisa bibliográfica, onde foram utilizados livros, revistas, periódicos, artigos, entre outros. A partir da análise da pesquisa desenvolvida, podemos perceber a importância que se tem em aplicar e perceber a ética do cuidado dentro de nossas relações, tendo nesse trabalho o destaque para o universitário e os desafios que o mesmo encontra em seu ambiente acadêmico. Enfim, através dos estudos realizados pôde-se perceber que a ética do cuidado dentro de ambientes universitários pode ajudar no amadurecimento dos indivíduos. Dessa forma, surgem melhores relações de cuidado, principalmente nos cursos voltados para a saúde, onde o significado de cuidado vai muito além do conceito de cura.

Palavras Chaves: Winnicott. Ética. Cuidado. Universitário. Cura.

¹ Graduandos em Psicologia pela Faculdade Multivix Cachoeiro de Itapemirim.

² Especialista em Psicologia Infantil pela Universidade de Guarulhos São Paulo.

ABSTRACT

This study aimed to raise knowledge to develop possible practices from the concept empirically generated by studies by Donald Woods Winnicott on the ethics of care. Here, we seek to emphasize its importance by turning its main focus to the relationships in which we find college students. To this end, we will talk initially about the concept of care ethics, considering the general view of the subject and then the Winnicottian perspective. Another important step will be the identification of some factors that may influence the mental health of college students, analyzing the university environment in question. Finally, we will outline some hypotheses of how some practices that may contribute to the emergence of the ethics of care in the university environment can be developed. For that, it was used as method the data collection through bibliographic research, where books, magazines, periodicals, articles, among others were used. From the analysis of the research developed, we can realize the importance of applying and perceiving the ethics of care within our relationships, having in this work the highlight for the university student and the challenges that he finds in his academic environment. Finally, through the studies conducted it was possible to realize that the ethics of care within university environments can help in the maturation of individuals. Thus, better care relationships emerge, especially in health courses, where the meaning of care goes far beyond the concept of cure.

Keywords: Winnicott. Ethics. Care. University. Cure.

1 INTRODUÇÃO

Na década de 70, Winnicott, através de seus estudos, trouxe um novo entendimento sobre a forma de se desenvolver a saúde junto aos seus pacientes, a essa nova forma, ele chamou de ética do cuidado, que apresenta como objetivo o desenvolvimento, o despertar e o amadurecimento dos futuros profissionais, que por algum motivo, se deteve em algumas áreas da vida dos pacientes.

A partir desse entendimento, nota-se que o meio acadêmico vem se apresentando cada vez mais exigente e conseqüentemente os estudantes universitários ao se tornarem profissionais demonstram aspectos de desestruturação em sua saúde

mental, gerando dificuldades em desenvolver uma conduta ética em relação aos cuidados com o próximo.

De forma geral, os universitários detêm expectativas em relação ao meio acadêmico que os conduzirão ao sucesso futuro em relação ao mercado de trabalho, porém, é no ambiente universitário que muitos irão se frustrar, desistindo de seus cursos ou concluindo com um nível muito abaixo do esperado. Podemos citar como fator relevante nessa situação o “Stress” que alunos e professores encontram pela cobrança excessiva impostas pelas instituições de ensino em relação aos seus rendimentos.

Assim, o presente trabalho visa estudar os elementos pertinentes a uma ética do cuidado como esboço para o desenvolvimento de políticas internas nas instituições de ensino que possam fazer do cuidado uma prática entre os discentes e docentes.

Diante desse período da vida universitária tão atribulada, é importante que se desenvolvam práticas relacionais entre docentes e discentes a fim de se encontrar o amadurecimento necessário para uma condução mais positiva dos conhecimentos teóricos e práticos que envolvem os cuidados com o próximo, levando em consideração o modo cíclico que o cuidado, quando empregado de forma coletiva na saúde, predispõe.

Dessa forma, buscamos articular elemento de uma ética do cuidado clínico, a fim de propor o desenvolvimento de práticas que contribuam para a promoção da saúde mental das relações no ambiente universitário, a partir do foco nessas práticas, os estudantes passam a se identificar com o significado e a proposta de ética do cuidado, aumentando a chance de desenvolvê-la de uma forma mais assertiva em seus relacionamentos.

Iniciamos com a delimitação no sentido do cuidado em Winnicott para um melhor entendimento do conceito, a seguir demarcamos alguns dos fatores preponderantes ao adoecimento psíquico em estudantes universitários considerando o ambiente institucional, propondo finalmente a atenção do cuidado enquanto prática dentro das universidades.

Embora hoje se tenha uma formação mais holística devido às Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs), propostas pelo Conselho Nacional de Educação para os cursos de graduação nas áreas da saúde, que objetivam o desenvolvimento nas qualidades profissionais dos estudantes para uma perspectiva humanizada, o ambiente universitário possui diversos fatores que potencializam o estresse e conseqüentemente o adoecimento psíquico desses estudantes.

Depreende-se, portanto, que uma saúde humanizada não deve ser apenas teorizada e aprendida como matéria obrigatória nos cursos da área da saúde, uma vez que a dimensão do cuidado deve, sobretudo, ser proporcionada aos estudantes como experiência concreta, refletindo em um ambiente que favoreça a saúde mental e ao desenvolvimento de uma ética do cuidado.

Em relação aos métodos utilizados, será uma pesquisa de cunho bibliográfica e documental, elencando dados em que suas fontes se apresentam como livros, artigos, dissertações, revistas, periódicos, relatórios e relatos, sendo usados de acordo com sua disponibilidade e valor para o trabalho. Levando-se em consideração a forma como a problemática levantada será abordada, a pesquisa se propõe a uma abordagem qualitativa.

Esse trabalho realizado para a conclusão de curso se estrutura em três capítulos, sendo o primeiro dividido em duas partes, a apresentação histórica do surgimento da ética do cuidado, seguido do conceito correspondente. O segundo capítulo é composto pela narrativa do quadro atual das universidades em relação à saúde mental dos discentes e quais fatores influenciam em uma possível depreciação dessa saúde mental. No quarto capítulo, apresentaremos possibilidades práticas objetivando principalmente a promoção e o desenvolvimento do cuidado dentro das universidades, levando-as em consideração, e ainda as abordando como possíveis respostas para o problema em questão.

2. A ÉTICA DO CUIDADO

O termo ético do cuidado origina-se da junção do conhecimento de várias áreas das ciências humanas e da saúde, tendo como um de seus principais precursores o

pediatra e psicanalista inglês, Donald Woods Winnicott. Segundo Ribas et al. (2017), Winnicott que em seus estudos ressalta a importância do cuidado, não só na psicanálise, mas também em todas as áreas da saúde que lidam diretamente com o outro, apontando que nessa relação ocorre uma dependência mútua que carece de alteridade para se concretizar.

Como bem nos assegura Maia (2018), pode-se dizer que o cuidado, além de ser uma ação, necessita de uma atitude para se substancializar. Neste contexto, se esclarece que na ausência de uma atitude voltada para o outro assim como as carências, o cuidar desliga-se do âmbito da ética, deteriorando-se e perdendo seu valor. O mais preocupante, contudo, é constatar que na falha desse cuidado ético, pode sobrevir ao cuidador, afetos diretamente relacionados ao narcisismo e a onipotência. Sob essa ótica, ganha particular relevância, o cuidado voltado ao reconhecimento da alteridade e seus correlatos.

Sendo assim, afirma ainda a possibilidade da percepção que o ato de cuidar está diretamente ligado a atitude de se colocar no lugar do outro. Na prática clínica, temos uma relação terapeuta/paciente, que deve ser embasada na ética do cuidado, voltando essa atitude, baseada na alteridade, para uma relação construtiva com o paciente. Neste contexto, fica evidente que a ética do cuidado, perpassa o ser humano e sua capacidade de lidar com o próximo, mesmo apesar de suas diferenças.

Kahtuni (2005) aponta o cuidado na relação de terapeuta/paciente concomitante ao que em suas teorias Winnicott trouxe como relacionamento mãe/bebê, podendo ser percebido deliberadamente uma relação de dependência na qual o paciente busca acolhimento assim como o bebê busca proteção nos braços da mãe. Referente a este aspecto, o autor propõe essa dependência como normal no início do processo terapêutico, mesmo porque depois de iniciada a terapia, o paciente vislumbra o terapeuta como um ponto de confiabilidade em meio a sua vida atribulada, tendo o terapeuta o dever de, assim como a mãe suficientemente boa, auxiliar o seu paciente para que atinja um grau de amadurecimento necessário para poder manejar sua vida de uma forma mais autônoma.

A melhor maneira de compreender esse processo, conforme mencionado pelo autor, é considerar que através de uma relação suficientemente boa entre paciente e terapeuta a alteridade mencionada anteriormente, pode caracterizar-se como um cuidado real. Não se tratando apenas de conduzir o paciente, mas estar presente junto a ele no setting, vivenciando suas necessidades e o auxiliando a compreender seu papel enquanto sujeito. Dessa forma, é "a relação fundante com o outro, [...], que constitui a condição fundamental para vi-lo a ser do sujeito e para o desenvolvimento de sua singularidade" (MAIA, 2018, p. 53).

Conforme explanado acima, é de extrema importância que a ética do cuidado seja aplicada de maneira correta e natural para melhor conduzir o tratamento. De fato, podemos perceber, por exemplo, que a terapia quando bem desenvolvida, cria um relacionamento entre paciente e terapeuta que deve ser pautado em princípios éticos e morais que, sem dúvida alguma, servem de alicerce na manutenção de relacionamentos. Contudo, vale ressaltar que esse relacionamento não pode em hipótese alguma ser pautado em extrema dependência, estando sujeito a cessação da terapia. De acordo com Furrow (2007):

Além disso, a ética do cuidado defende que façamos o que podemos para preservar relacionamentos – a melhor coisa a fazer é, seguidamente, aquela ação que tenha a melhor condição de preservar o relacionamento. Mas muitos relacionamentos não são saudáveis e devem acabar. Assim sendo, uma ética do cuidado deve fornecer algum padrão para avaliar relacionamentos. FURROW (2007, p.90):

O autor esclarece na citação acima que mesmo buscando uma ética do cuidado focada no bom relacionamento com o outro, que flua de forma natural, essa deve ser estabelecida com parâmetros padronizados. Esses parâmetros nos servem de referência ao nos depararmos com relações carregadas de dependência, possibilitando um ponto norteador, a fim de romper com essa relação antes que a terapia se torne irrelevante, tanto para o desenvolvimento do paciente quanto para o nosso enquanto terapeutas cuidadores.

Segundo Hoch e L. (2007, p. 28), "nas relações de cuidado, vive-se a aceitação das limitações e vulnerabilidades, tanto do cuidador como de quem recebe cuidado". Portanto, torna-se evidente que a ética do cuidado se traduz na boa relação com o

outro, embasada na atitude de se pôr no lugar do outro, entendendo-o em suas devidas proporções. Vê-se, pois, que o seu desenvolvimento enquanto pratica no setting terapêutico, proporciona o cuidar de uma forma mais humana. Logo, é indiscutível o fato que se tornar mais agradável e eficaz o trabalho relacional entre terapeuta e paciente, tendo como resultado o amadurecimento de ambos.

3 CONCEITO DE ÉTICA DO CUIDADO EM WINNICOTT

Ao proferir palestra para enfermeiros e médicos, em outubro de 1970, na igreja de São Lucas, Winnicott pincelou o que em poucos meses se tornaria uma proposta para uma nova ética no tratamento de doentes, a ética do cuidado. Ao apresentar aos seus interlocutores que a palavra cura tem em sua origem etimológica o significado de cuidado, Winnicott externou na época a sua preocupação em não transformar o tratamento de enfermos em um processo mecanicista, inferindo que tão importante quanto o tratamento clínico e medicamentoso, é o cuidado empreendido ao paciente (DIAS, 2010).

Como bem nos assegura Loparic (RIBAS et al.,2013), pode-se dizer que a dimensão do cuidado em Winnicott é um elemento universal e necessário para que os seres humanos amadureçam e possam desenvolver-se de forma saudável. Neste contexto, fica claro que os fatores mais importantes para a saúde do indivíduo são as condições ambientais que potencializam o seu desenvolvimento e o seu amadurecimento.

Conforme citado acima, podemos entender que o ambiente vai favorecer ou impedir o sucesso das integrações que conduzem a esse amadurecimento, propiciando ao indivíduo uma vida mais saudável e menos propensa a desordens psíquicas. Neste contexto, para Dias (2010) os transtornos psicológicos e o sofrimento psíquico originam-se nas falhas ambientais, nas descontinuidades provisionais e nas negligências no cuidado, essas furtam do indivíduo a possibilidade de desenvolvimento de autonomia e continuidade do ser, sendo necessário um novo ambiente que proporcione confiabilidade e reestruture e substitua o cuidado não proporcionado.

Segundo afirma Fulgêncio (2011), os conceitos como amadurecimento e autonomia são chaves na teoria Winnicottiana, uma vez que articulam uma ética para além da administração curativa, paliativa ou reabilitativa, seja ela psicoterápica ou medicamentosa. Seguindo o seu raciocínio, o autor deixa claro que há em Winnicott uma preposição ética que preconiza a continuidade do ser, como sujeito autônomo e capaz de lidar com as inúmeras variabilidades existenciais, construindo uma vida que vale a pena ser vivida.

Conforme mencionado pelo autor, podemos perceber certa congruência com as afirmações de Loparic (Ribas et al., 2013), na qual acredita que o indivíduo que experimentou o cuidado de forma suficientemente boa, agora amadurecido e autônomo, é capaz de gerar sentido e continuidade em sua vida, como superar seus interesses individuais e agregar positivamente na vida de outros e de sua comunidade, contribuindo para um caráter circular do cuidado, que demonstre responsabilidade e respeito pelo outro.

Dessa forma, uma ética que compreenda o cuidado como o principal elemento que otimiza as potencialidades do indivíduo possui efeitos outros, como, por exemplo, o de possibilitar a sustentação de ambientes saudáveis, pelo princípio de que indivíduos autônomos e amadurecidos promovem uma cadeia de cuidado que gera outros indivíduos saudáveis, capazes de criar uma vida significativa. Dessa forma, podemos perceber a ciclicidade que a ética do cuidado nos proporciona, quando bem aplicada, é claro. De acordo com o que nos afirma Ribas et al. (2013):

Alcançando a maturidade na idade adulta, o indivíduo sadio tornar-se-á capaz de cuidar, por exemplo, dos seus próprios filhos ou ir criando e recriando a máquina democrática, que é à base da sociedade saudável da qual depende, por sua vez, como vimos, a saúde dos membros da sociedade. RIBAS et al. (2013, p. 21)

No exceto acima, o autor clarifica confirmando que o cuidado contribuí para o desenvolvimento emocional e humano do indivíduo, garantindo ferramentas para que este lide com situações adversas que eventualmente enfrentará, e, mediante ao sentido ético do cuidado, ele irá se responsabilizar por cuidar de outros, corroborando para uma base social pautada no respeito à autonomia dos pares. Podemos perceber aqui a importância que o indivíduo possui na transformação do meio em que vive, clarificando também a importância que a relação com o outro tem em nossas vidas.

Para Dias (2010) há em Winnicott uma ética que valoriza a vida e que considera estar vivo algo para além de um estado fisiológico. Não basta simplesmente existir, é necessário sentir-se vivo, percebendo, assim, que a vida vale a pena ser vivida. Desajustamentos psicológicos e até quadros psicopatológicos foram concebidos por faltarem aos indivíduos ambientes favoráveis para amadurecer, e, por conseguinte, implicaram em sofrimento psíquico e interrupção do processo de integração. Para tal, é necessário que novos ambientes que preconizem o cuidado e as necessidades desses indivíduos sejam constituídos, com o intuito de gerar pessoas autônomas, criativas e saudáveis, que irão inserir concomitantemente uma ética do cuidado em seu seio relacional. (LOPARIC, 2013).

4 AMBIENTE UNIVERSITÁRIO

De uma forma concomitantemente com a qual os estudantes vivem no período de pré-universidade e após ingressar em uma instituição de ensino superior, ele passa por certas pressões e transformações no seu cotidiano que afetam seu psiquismo, interferindo com intensidades e níveis discrepantes os indivíduos. Segundo Almeida (2007), os estudantes assim que aprovados, sentem certo alívio que, logo, dá lugar a pensamentos carregados de ansiedade, sobre o que enfrentarão daí em diante, principalmente aqueles que se vêem obrigados a sair do aconchego familiar e iniciam uma vida só.

Como bem assegura Martins (2018), os universitários, em sua maioria, são compostos de jovens que além da transição de ambientes, passam pela transição da adolescência para a juventude, sendo esse, um fator agravante para o desenvolvimento de sua saúde mental. Segundo o autor, essa nova fase pode mudar a forma com que o estudante percebe o mundo ao seu redor, principalmente levando em consideração o nível maturacional, onde uns se adaptam com mais facilidade do que outros.

Muitos desses jovens encontrarão um ambiente de exigências muito maior do que estavam acostumados no ensino médio, e adentram em uma rotina totalmente

acelerada, seguida de expectativas, conquistas e frustrações, que seguem interferindo em suas relações interpessoais e intrapessoais.

Neste contexto, podemos perceber que a liberdade e autonomia dessa nova fase, também estão acompanhadas de muita ansiedade gerada pelas pressões que a transição trás. O mais preocupante, contudo, é constatar que os estudantes acabam por sucumbirem a essas pressões e não conseguem desenvolver a ética do cuidado durante e mesmo após sua formação. Não é exagero perceber que o efeito desse processo de transição pode qualificar de forma positiva ou negativa o desenvolvimento desse estudante, tanto no meio acadêmico quanto futuro profissional.

Segundo os autores Joly, Sisto e Santos (2005), o ambiente universitário é desafiador e depende do desenvolvimento e manutenção de quatro domínios por parte dos universitários. O autor esclarece que esses domínios são traduzidos em: acadêmicos, sendo esses a capacidade adaptativa do estudante em relação às novas atividades; sociais, resumidos na forma em que o individuo mantém sua relação com o outro como já foi citado em capítulos anteriores; pessoais, tendo essa relação com o sentido de identidade que cada um trás consigo, proporcionando autoestima e autoconhecimento; e por fim os vocacionais, onde estão relacionados com o compromisso e as responsabilidades com o significado de suas escolhas profissionais.

Não menos importante que essa consideração, entretanto, é apontar que conforme o autor Leandro S. Almeida, os processos relacionados às mudanças ambientais (de fora para dentro das universidades), influenciam na vida acadêmica e na saúde mental dos estudantes. "A transição para a universidade exige dos alunos diversas competências tendo em vista a sua adaptação e sucesso escolar" (ALMEIDA, 2007, p.203).

Diante disso, vale considerar que ocorre concordância entre os autores citados até o momento e além do mais, ambos consideram que a transição é desafiadora e tem que ser trabalhada como ponto importante no desenvolvimento acadêmico.

Ora, em tese, vale frisar que existe uma parcela de responsabilidade das instituições de ensino voltada para a promoção da saúde de seus discentes e docentes. É importante considerar que devem ser tomadas medidas que ajudem no desenvolvimento e amadurecimento dos indivíduos que se encontram nesse ambiente, a fim de pormenorizar as possibilidades de adoecimento, assim nas instituições com cursos na área da saúde, por exemplo, devem ser adotadas abordagens voltadas para a promoção de saúde indo além das demais, visto que, elas têm maior responsabilidade em relação a uma postura mais ética dos estudantes que serão futuramente profissionais cuidadores. De acordo com Pereira (2017):

O desenvolvimento de programas preventivos pode ser associado ao estilo de vida e adaptação ao meio acadêmico. Espera-se que sendo as medidas preventivas tomadas auxiliando na busca pela qualidade de vida e promoção da saúde desses indivíduos, os sintomas favoráveis ao adoecimento dos mesmos diminuam ou até mesmo desapareçam, haja vista que os próprios sejam imoderados para promoção de sua saúde. Abordagens voltadas para a qualidade de vida, bem como promoção da saúde devem ser prioridades no ambiente acadêmico o qual é considerado espaço privilegiado por congrega um período importante da vida do indivíduo, ou seja, um ambiente formador do mesmo para ingresso no mercado de trabalho bem como para a cidadania. PEREIRA (2017, p. 39)

O autor esclarece na citação acima a importância de se trabalhar as práticas voltadas para saúde nas universidades, sendo o ambiente acadêmico um lugar carregado de stress e ansiedade, devido às exigências por entregas de resultados satisfatórios, é comum termos um número avassalador de estudantes com sua saúde mental abalada. Torna-se cada vez mais evidente que a ética do cuidado se faz necessária, mas também percebemos as dificuldades que as instituições têm em transformar seu ambiente acadêmico para melhor gerir as relações entre seus docentes e discentes.

Segundo Feldman (2015, p. 486), “os problemas de saúde mental, particularmente ansiedade, estão atormentando mais estudantes universitários hoje do que no passado”. Vê-se, pois, que essa realidade se faz presente em todas as instituições de ensino superior e tem se agravado com o passar do tempo devido à falta de uma postura mais ética no ambiente acadêmico, tanto por parte dos universitários quanto pela própria instituição. É de suma importância que se elaborem políticas institucionais voltadas para um bom desenvolvimento nas relações, principalmente naqueles onde mais carece de um cuidado ético e humanizado.

5 O CUIDADO ENQUANTO PRÁTICA NAS UNIVERSIDADES

Ao ingressar no ambiente universitário os estudantes demandam uma série de expectativas e afetos construídos ao longo da vida. Sendo assim, compreende-se que essas emoções fazem parte do processo de formação e devem ser consideradas de extrema importância para a elaboração de práticas que atuem positivamente na saúde mental desses estudantes. (CERCHIARI, 2014).

Para Loparic (RIBAS, et al., 2013), Winnicott compreende que cabe aos grupos sociais reeditarem e ampliarem os cuidados maternos promovidos ao indivíduo. Segundo o autor, isso ocorre devido ao fato de que ao longo da vida as necessidades para o processo de amadurecimento tornam-se cada vez mais diversificadas e difíceis.

Corroborando com a importância do cuidado citado acima, Pavodani (2014) infere que o suporte social é fundamental para o bem-estar psicológico e para a saúde dos estudantes, sendo que o suporte não atua somente para promover o bem-estar, também age como um fator de proteção contra o surgimento de doenças relacionadas à depressão e ao estresse.

Através de pesquisa realizada por Grener e Cerqueira (2019), os autores deixam claro que indivíduos que obtiveram algum apoio social ao longo de processos emocionais difíceis demonstraram, consideravelmente, índices menores de sofrimento psicológico. Também é possível depreender, em razão da pesquisa, que as relações interpessoais são preponderantes para a insurgência ou não de desajustes emocionais, e que a percepção negativa do ambiente é uma das principais causas de sofrimento para os estudantes.

Ribas et al. (2013) também expõe que a falta dos cuidados necessários implica em indivíduos desajustados, como também em quadros patológicos que enclausuram o indivíduo em seu sofrimento e minimizam as suas potencialidades criativas. Ambos os autores apontam para essa mesma perspectiva quando depreendem que estudantes com o maior índice de sofrimento possuem relações interpessoais menos satisfatórias.

Conforme explicitado acima, torna-se emergencial uma articulação do cuidado no ambiente para esses indivíduos, pois há diversas disparidades e dificuldades encontradas em um ambiente desfavorável que impede que o indivíduo possa desenvolver-se de forma saudável. O que torna salutar, por exemplo, a construção de uma ética do cuidado enquanto prática. De acordo com os expostos até o momento Plastino afirma que:

Na concepção winnicottiana, o vir a ser efetivo das tendências naturais requer da ação histórica. É por isso que é possível afirmar que o ser humano está radicalmente inserido na natureza e radicalmente inserido na história. Sendo constitutivo da subjetividade, o ambiente é também constitutivo do sentimento ético, não no sentido de impor algo ao sujeito em formação, mas no de favorecer o desenvolvimento de potencialidades contidas na sua forma de ser natural. (RIBAS et al., 2013, p. 123)

No trecho acima o autor afirma que o ambiente pautado por uma ética que prioriza o cuidado é condição *sine qua non* (o que é indispensável, essencial) para possibilitar que os indivíduos amadureçam naturalmente e possam agir em seu meio de maneira criativa. Dessa forma, podemos gerar uma vida mais produtiva com significado e que vale a pena ser vivida.

O cuidado implicado como prática no ambiente universitário e caracteriza-se como uma alternativa ao imperativo capitalista e à demanda por produtividade que a sociedade vivencia. Nessa perspectiva ética, compreende-se que a subjetividade dos indivíduos e as suas particularidades fazem parte do processo de formação de profissionais que objetiva torná-los aptos a cuidar de seus pares na comunidade. Conclui-se, portanto, que uma ética alicerçada no cuidado ao outro é um caminho que proporcionará indivíduos mais saudáveis e maduros, e que isso incidirá em profissionais melhor preparados e uma sociedade melhor.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste trabalho foi possível avaliar algumas das idiosincrasias presentes no meio acadêmico, analisando suas particularidades e compreendendo como uma ética pautada no cuidado pode contribuir por uma melhor formação para os estudantes na área da saúde.

Através de um estudo sobre as perspectivas de vários autores, infere-se que para um desenvolvimento humano sadio é necessário que seja proporcionado aos indivíduos um ambiente favorável à satisfação de suas necessidades, à potencialização de suas qualidades e ao amadurecimento que é inerente e fundamente à condição humana.

Conclui-se, portanto, que o ambiente universitário na atualidade, especialmente em cursos na área da saúde, destoa de prerrogativas essenciais para as posteriores práticas em saúde. Afinal, é esperado que esses futuros profissionais sejam indivíduos capazes de propiciar o cuidado aos seus pares na sociedade e em seus respectivos campos de atuação, porém isso só será possível se esses estudantes experimentarem o cuidado de forma concreta, ou seja, vivenciada em sua formação.

Compreendemos que não é possível esgotarmos um assunto tão importante unicamente através deste trabalho. Sendo assim, sugere-se que, além de pesquisas participativas que objetivem entender as necessidades dos próprios estudantes, é primordial que esses estudantes cooperem para a construção de um ambiente que efetivamente forme indivíduos maduros e saudáveis.

Depreende-se, por intermédio deste trabalho que o início na vida acadêmica possui suas particularidades e que essas devem ser compreendidas. Considerando toda a discussão elencada, a ética do cuidado torna-se um caminho mais alternativo, mas necessário para que de fato tenhamos uma saúde humanizada que, indubitavelmente, preze pelo cuidado também para quem tem por ofício cuidar.

7 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. S. **Transição, adaptação acadêmica e sucesso escolar no ensino superior**. Revista Galego-Portuguesa de Psicoloxia e Educación, v. 15, n. 2, p. 203-215, 2007. ISSN 1138-1663.

CERCHIARI, E. A. N. **Saúde mental e qualidade de vida em**. Faculdade de Ciências Médicas da Universidade. Campinas/SP. 2004.

DIAS, E. O. **O cuidado como ética**. Winnicott e-prints, São Paulo/SP, v. 5, n. 2, p. 21-39, 2010.

FELDMAN, R. S. **Introdução a Psicologia**. Tradução de Daniel Bueno e Sandra Maria Mallmann Rosa. 10^a. ed. Porto Alegre: AMGH Editora Ltda, 2015. 486 p.

FULGÊNCIO, L. **A ética do cuidado psicanalítico para D. W. Winnicott**. A peste, São Paulo/SP, v. 3, n. 2, p. 39-62, jul./dez. 2011.

FURROW, D. **Ética: Conceitos-chave em filosofia**. Tradução de Fernando José R. da Rocha. Porto Alegre: artimed, 2007.

GRANER, K. M.; CERQUEIRA, A. T. D. A. R. **Revisão integrativa: sofrimento psíquico em estudantes universitários e fatores associados**. Ciência & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 24, n. 4, p. 1327-1346, abril 2019. ISSN 1413-8123.

HOCH, L. C.; L., S. M. R. **Sofrimento, resiliência e fé: implicações para relações de cuidado**. 1^a. ed. São Leopoldo/RS: Editora Sinodal, 2007.

JOLY, M. C. R. A.; SISTO, F. F.; SANTOS, A. A. A. D. **Questões do cotidiano universitário**. 1^a. ed. São Paulo/SP: Casa do Psicólogo, 2005.

KAHTUMI, H. C. **O terapeuta/mãe, o paciente/bebê e os cuidados requeridos**. Psyche, São Paulo/SP, v. 9, n. 16, Dezembro 2005. ISSN 1415-1138.

MAIA, M. S. **Por uma Ética do Cuidado**. Rio de Janeiro/RJ: Editora Garamond, 2018.

MARTINS, M. R. D. M. **Fala jovem**. 1^o. ed. São Paulo/SP: PAULUS, 2018.

PADOVANI, R. D. C. et al.. **Vulnerabilidade e bem-estar psicológico do estudante universitário**. Revista Brasileira de Terapias Cognitivas, Rio de Janeiro/RJ, v. 10, n. 1, p. 02-10, jun 2014. ISSN 1982-3746.

PEREIRA, M. D. S. **Condições Laborais e de Saúde dos Estudantes Universitários**. UNICESUMAR. Maringá/Pr, p. 59. 2017.

PLASTINO, C. **A emergência espontânea do sentimento ético como tendência da natureza humana**. In: RIBAS, A. D. et al. Winnicott e a ética do cuidado. 1^o. ed. São Paulo/SP: DWW, p. 123, 2013.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. D. F. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2^a. ed. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2013.

RIBAS, A. D. et al. **Winnicott e a ética do cuidado**. 1^a. ed. São Paulo/SP: DWW, 2013.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

SOARES, A. B.; MOURÃO, L.; MOTA, M. M. P. E. D. **O estudante universitário brasileiro: Características cognitivas, habilidades relacionais e transição para o mercado de trabalho**. 1^a. ed. Curitiba/PR: Appris, 2016.

